

NARRATIVA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE: A EXPERIÊNCIA DA VIOLÊNCIA NA FALA DE ADOLESCENTES DE COMUNIDADES DE BAIXA RENDA

Aluno: Admilson Alves Beserra
Orientadora: Liliana Cabral Bastos

Introdução:

O presente estudo se faz no âmbito dos trabalhos do grupo de pesquisa G-NIT “Narrativa, Identidade e Trabalho” (GRPesq/CNPq), coordenado pela Profa. Liliana Cabral Bastos, no Programa de Pós-Graduação em Letras, PUC-Rio. As pesquisas desenvolvidas no G-NIT focalizam a relação entre processos de construção identitária e a produção de narrativas conversacionais, em contextos diversos, em uma perspectiva aplicada e interdisciplinar.

Esta pesquisa aborda, a partir de narrativas produzidas em entrevistas, a construção de identidades de adolescentes em meio a contextos de violência. Foram entrevistados, no Grêmio Recreativo Badalo em Santa Teresa no Rio de Janeiro, jovens moradores do bairro e de comunidades vizinhas, atendidos pelo projeto “Badalando a Cidadania”, desenvolvido pelo GASA (Grupo de Atenção à Saúde do Adolescente, do IFF/Fundação Oswaldo Cruz).

Objetivos:

Nossa análise se volta para as narrativas produzidas na entrevista de um dos jovens, a do adolescente Marcos (nome fictício), com o propósito de examinar sua construção identitária e os sentidos de suas ações, considerando os diferentes espaços interacionais que ele introduz em sua fala. A análise focaliza a presença da violência, da escola e das atividades do projeto “Badalando a Cidadania” nesses processos discursivos.

Perspectivas Teóricas e Metodológicas:

Na pós-modernidade a identidade não é essencial e fixa em todos os contextos sociais; ela está em contínuo processo de reconstrução [2]. Segundo Bastos [4] “a identidade é um processo situado, no qual os indivíduos transformam, adaptam, aceitam e reagem a padrões sociais canônicos de comportamento”.

A narrativa pode ser entendida como uma sequência verbal de orações combinada a uma sequência de eventos [3]. Além disso, na atividade de narrar, não apenas transmitimos o sentido de quem somos, mas também construímos relações com os outros e com o mundo que nos cerca [4]. A entrevista de pesquisa, que pode ser entendida como um evento social, é um contexto propício à emergência de narrativas.

Na análise das narrativas, serão utilizados construtos da Sociolinguística Interacional [5], como as noções de enquadre - instruções para que o ouvinte possa interpretar satisfatoriamente o que foi dito [1] - e de posicionamento - processo discursivo através do qual os “eus” são situados nas conversações como participantes observáveis [1].

Os dados foram obtidos através de entrevistas realizadas no Grêmio Recreativo Badalo, em Santa Teresa. As nove entrevistas (totalizando 1h23min27s de gravação) foram feitas entre os meses de janeiro e fevereiro de 2009 com a colaboração da coordenação do Grêmio Recreativo Badalo e do projeto “Badalando a Cidadania”. Foram entrevistados jovens com idades entre 13 e 19 anos frequentadores das oficinas de iniciação esportiva do projeto. A escolha deste ambiente se deu em função das características do projeto, interessado na construção identitária de adolescentes, em um bairro com elevados índices de violência.

A violência, seja nas comunidades ou nas suas escolas, foi um dos principais temas abordados em seis das nove entrevistas, mas decidiu-se pela análise da entrevista com o adolescente Marcos em função de sua ênfase na temática da violência.

Na transcrição foram utilizados sinais gráficos para indicar pausas, alongamentos, sobreposições, e mudanças de tonalidade, além de outros sinais. Estes sinais superficiais na forma da mensagem são pistas de contextualização [5], e indicam como os ouvintes podem interpretar o conteúdo semântico das sentenças e sua relação com as demais.

A pesquisa é de ordem qualitativa e interpretativista e os dados são analisados sob uma perspectiva sócio-interacional do discurso. Nesta abordagem, são enfocados os processos interpretativos tanto no micro nível social, quanto no macro nível social [5].

Análise:

Marcos apresenta-se como morador de uma comunidade afetada por uma rotina de violência, e a partir daí constrói sua identidade. Ele narra dois episódios em que esteve em meio a tiroteios em sua comunidade e, embora argumente que essas são ocorrências normais (“ah você não fica com medo não, normal ó”), são os contextos ligados à violência, como a opção de conviver ou não com o tráfico, e o fato de ter que adaptar sua vida a situações determinadas pela violência, que interferem na construção de sua identidade pessoal e social (“eu moro numa comunidade eu tenho meus amigos do lado de lá: mas eu nu:m num me envolvo muito com isso”). Ele descreve a escola como parte deste contexto de violência (“é: revolver <na escola> te:m muito: sobrinho de: dono de mo:rrro filho de dono de mo:rrro aí é fácil né é fácil arranjar”), em contraposição ao Badalo, que oferece oportunidades que de atividades “boas” (“o Badalo o que tiver assim de bom eu faço”).

Conclusões:

Pode-se perceber, através da análise das narrativas, que os acontecimentos relacionados à violência envolvem conflitos e contradições na formação identitária de Marcos, ao determinarem atitudes, como ter que se preocupar com a segurança própria e da irmã, ou se permitir ter amigos “do lado de lá”. Ao mesmo tempo em que relata incidentes provocados pelo “lado de lá”, e por isso precisa cuidar de sua segurança, ele também admite que tem amigos e convive pacificamente com o “lado de lá”. Nessa dinâmica se faz a definição de sua identidade social de adolescente morador de uma comunidade em um contexto de violência, no qual atuam, como vimos, os espaços da comunidade, da escola, e do Badalo.

Referências:

1. ROSAS, S.M.S. **Entrevistas com o assistente social: identidade, doença e estigma em uma enfermaria de adolescentes**. Rio de Janeiro, 2006. 222p. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
2. HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 9. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
3. LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In **Language in the inner city**. Philadelphia, University of Philadelphia Press, 1972.
4. BASTOS, L. C. **Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa**. Calidoscópico, vol. 3, n. 2, p.74-87, maio/ago. 2005.
5. GUMPERZ, J. J. **Language and social identity**. Cambridge: Cambridge U. Press, 1982.